

# a cultura e a vida

## II

No meu artigo sobre «A cultura e a vida», publicado no último número, critiquei a posição ideológica do Sr. João Gaspar Simões definida nestas palavras:

«É certo que os problemas da vida são muitos. Estamos numa hora em que os problemas da vida são mais importantes que os problemas da cultura. Mais importantes não digo bem: mais instantes, é melhor. Deixemos, porém, os problemas da vida a quem neles mergulha. Reservemos os problemas da cultura.»

Como os leitores devem estar recordados, eu denunciarei neste divórcio entre a cultura e a vida a posição de uma parte importante da intelectualidade portuguesa, notando quanto há de arbitrário em separar a cultura da vida, uma vez que a cultura é também ela mesma uma manifestação da vida.

É evidente que a cultura, por maior que seja o nosso pendor para a abstracção, *pressupõe* o homem, porque é sempre ele que escreve os poemas, concebe os romances, pinta os quadros, esculpe as estátuas ou constrói os sistemas filosóficos. Mas, o homem por sua vez *pressupõe* a sociedade e esta, em movimento, é o que se chama a história.

A história, disse eu no meu artigo, «não é outra coisa senão a produção do homem pelo trabalho humano», não é outra coisa senão a formação física e mental do homem, através do trabalho, da acção, da prática.

A cultura integra-se na história, porque é um resultado da actividade humana. Quere isto dizer que a cultura e a vida não formam dois mundos diferentes e que, pelo contrário, se fundem no mesmo tecido de relações a que chamamos vida social. Desintegrar a cultura da vida, tomá-la isoladamente, cortando as suas raízes sociais—é tão absurdo como estudar a anatomia e a fisiologia de um peixe, abstraído de que ele vive dentro da água. Será talvez divertido, para intelectuais com a fobia do social, fazer exercícios de ensaísmo abstracto sobre «a cultura em si», sobre a cultura divorciada da vida em que emergiu. Simplesmente, no ponto de vista filosófico é absolutamente errado estudar as coisas *isoladamente, em si*, porque elas só são compreensíveis e só devem ser estudadas nas suas relações (1). Quando digo que é filosoficamente errado estu-

dar a realidade ou os problemas que ela nos põe *isolando, separando, cindindo*, quero dizer que a vida nos impõe a realidade como uma e feita de relações, de inter-acções reciprocas. É que a «filosofia para o homem moderno» não é idealista, não *legisla* para a realidade; parte dela, submete-se-lhe; por isso, encara a realidade no seu movimento dialéctico.

Tôdas estas ideias estavam no meu artigo que, para quem soubesse lê-lo, era mais do que «uma ferroada jornalística». Infelizmente, porém, o Sr. João Gaspar Simões foi das pessoas que não souberam ler o meu artigo. Por isso, no «Suplemento Literário» do *Diário de Lisboa* de 25 de Maio, joga-me *blagues* inconsistentes sobre raquetas, *foot-ball* e não sei que mais e acusa-me de ser um espírito confuso. Deixando de lado as *blagues* do crítico, que só demotam mal contida irritação, vejamos o que nos diz sobre o nosso problema:

«...jovens inúmeros insistem em considerar-me um desses intelectuais para quem a vida é uma coisa e a cultura outra. Acho que não fazem mal em assim me considerar. Se não sou um modelo de arrumação, confesso gostar de uma certa ordem nas ideias. Eis porque não posso deixar de pôr a vida a um lado e a cultura a outro.»

Debalde se procurará no folhetim crítico do Sr. Gaspar Simões alguma palavra mais sobre o problema das relações entre a cultura e a vida. Para o crítico do «Suplemento literário» tudo se resume nisto: eu considero a cultura uma manifestação da vida e julgo impossível estudar os problemas da cultura abstraído dos problemas da vida, *porque sou um espírito confuso, capaz de jogar o «foot-ball» com raquetas e o «tennis» com os pés*; ele distingue a cultura da vida e reserva-se os problemas da cultura, deixando os problemas da vida aos que neles mergulhem, *porque gosta de pôr ordem nas ideias!*

Temos de reconhecer que (como resposta às considerações do meu artigo isto é muito pouco... não chega a ser nada. Depois de eu ter demonstrado que o Sr. Gaspar Simões tem sobre a cultura e a vida *ideias erradas*, toda a sua defesa consiste em vir dizer-me que distingue entre a cultura e a vida, *porque gosta de pôr ordem nas ideias*. Para que servirá pôr ordem em ideias erradas? E, afirmando que a cultura é uma manifes-

tação da vida, não ponho eu também ordem nas ideias? Confundindo «ideias erradas» com «confusão de ideias» quem não põe ordem nas ideias é o Sr. Gaspar Simões!...

Diz o crítico, no seu artigo: «Serei velho, serei retrógrado, serei o que os meus amigos quiserem; quando de cultura tratar é de cultura que trato.»

Perfeitamente. Mas o que é a cultura? É ou não uma manifestação da vida? Sobre este ponto, que era e é o essencial, não diz o crítico nem uma palavra...

Talvez possamos tirar algumas conclusões desta afirmação:

«Parece-me que, de facto, o romance não é a vida. É uma sua imagem. Mas, exactamente, por isso, eu, como crítico que procuro ser, não é a vida que vou estudar, é a sua imagem na obra proposta ao meu raciocínio.»

Se o romance é uma imagem da vida, e se o Sr. Gaspar Simões se propõe estudar um romance como crítico, procura saber se esse romance é ou não uma boa imagem da vida. Para isso, naturalmente, carece de comparar a «imagem da vida» com a própria vida, o que implica um conhecimento da vida. O Sr. Gaspar Simões fala muitas vezes em personagens que certos romancistas fazem «viver» artificialmente, de modo diferente daquele como se vive na vida. Ora, quere-me parecer que deste modo o crítico do «Suplemento literário» ao resolver certos problemas da cultura não abstrai dos problemas da vida. Isto não quere dizer, como é óbvio, que resolva bem os problemas da vida, o primeiro dos quais é um problema de conhecimento. Precisamente: um problema de conhecimento. A ideia que o Sr. Gaspar Simões se faz da vida, a maneira como reduz a humanidade ao tipo do *homem psicológico*, a sua atitude perante os abismos sociais que dividem os homens, o seu conhecimento da realidade, em suma,—corresponde à solução de um problema fundamental de conhecimento.

Julgando conhecer a vida, o Sr. Gaspar Simões decreta certas obras boas outras más imagens da vida. Mas, a vida não a compreende no seu movimento, nem nas suas relações, isto é, não a compreende dialécticamente. Onde eu vejo antagonismos e lutas de interesses dominando a *totalidade* da vida (a ideologia, a cultura também, portanto...) —o crítico vê tipos psicológi-

cos, paixões, modas intelectuais, etc., agindo ao sabor do acaso. A-final, o nosso problema não é de literatura, Sr. Gaspar Simões: é de filosofia e de sociologia. Não se trata de discutir a legitimidade de posições *literárias ou não-literárias*; tampouco se trata de pôr ou não pôr ordem nas ideias;—trata-se, sim, de conhecer a realidade, de ter do mundo uma representação exacta, que nos permita transformá-lo.

A nova geração, que o Sr. Gaspar Simões julga atingir com as suas *blagues* ligeiramente tôlas, conhece a realidade, encara-a de frente e quere transformá-la.

E, porque conhece a realidade, a nova geração sabe que a cultura é uma manifestação da vida, porque nasce na vida, existe na vida e exerce a sua acção sobre a vida. Os problemas da cultura que o Sr. Gaspar Simões pretende autonomizar dos problemas da vida—ou são problemas sem interesse, ou são pseudo-problemas, ou são problemas da cultura que não podem resolver-se independentemente dos problemas da vida.

Aqui está o que eu tenho a dizer ao Sr. Gaspar Simões. Se ainda desta vez não conseguirei ser claro, não veja nisso o crítico propósito de baralhar ideias ou desejo de lhe fugir às objecções... que me não fez!...

(1) Veja-se o excelente volume do Prof. H. Levy, *A philosophy for a modern man*, Londres, Gollancz Ltd., 1938, em que esta ideia é desenvolvida com grande clareza e notável proficiência, sobretudo a págs. 33 e segs.

RODRIGO SOARES

## EXPEDIENTE

Aos nossos assinantes que nas férias mudem de residência pedimos o favor de nos indicarem a nova morada.

Vamos proceder novamente, pelo correio, à cobrança desta série a todos que não puderam satisfazer ao primeiro envio de recibos. Aos nossos assinantes que não forem encontrados em casa ou morem longe das localidades onde há correio solicitamos o envio das respectivas importâncias em selos postais de 40 centavos.

Angariar novos assinantes para *Sol Nascente* é ajudar a resolver as suas dificuldades económicas, trabalhar para a sua regularidade e difundir o seu pensamento.